



Gaiato



PORTE
PAGO

AVENÇA

Quinzenário * 26 de Março de 1977 * Ano XXXIV — N.º 862 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes. pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

AGORA

Reflectindo

Parece que passou a actualidade do advérbio. AGORA, na inspiração que ditou a Pai Américo esta velha epígrafe no nosso jornal, queria dizer a urgência, a prioridade do problema da habitação. Não há que esperar. Não há razão aceitável para adiar soluções concretas para esta primária necessidade do homem. Não há que fugir à interpelação que este problema põe à consciência do homem para quem solidariedade e dever social não são palavras vãs. É agora. É já. Que se façam planos. Que se executem planos. Mas enquanto eles não nascem ou se não monta a máquina que os realizará, é já possível ir remediando algumas situações mais gritantes.

Foi assim que Pai Américo fez agora, um agora que começou há 26 anos e nunca mais para nós deixou de o ser a prestação da obra de misericórdia maior do que dar sepultura a mortos: «desenterrar» vivos.

Infelizmente o grito de «a cruzada» que Pai Américo levantou então não perdeu ainda sua razão de ser. Portanto também nossos ouvidos não podem fechar-se aos clamores de justiça e esta coluna tem de ser alimentada e renovada, pois vem vivendo, há anos, quase somente das mesmas pessoas.

Antes do desfile delas nesta procissão — quase a um ano da derradeira saída — não resisto à transcrição de duas cartas recentes a denunciar uma saudável sensibilidade ao problema:

«(...) Muitos sonhos tenho tido na vida: uns concretizados, outros em via de concretização e um deles é este: quero participar na ajuda da construção de uma casa para alguém necessitado. Há muito que não leio no jornal notícias do Património dos Pobres, mas penso que no nosso País continua a haver Pobres que precisam de casa, já que a nossa revolução ainda não fez a revolução da construção.

Continua na QUARTA página

A nossa terra continua a chorar. E chorará enquanto houver desprotegidos, enquanto houver vítimas. E há tantas!

O desamor em que vive uma sociedade é motivo de sofrimento e todos, ao fim e ao cabo, pagam as consequências.

Para não ir mais longe, basta pensar nos casos que nos vêm bater à porta. Tantos a que não podemos dar solução, porque temos a casa cheia. Falo-vos aqui de alguns casos das últimas semanas, para que comuniquem connosco esta realidade.

● *A mãe partiu para se entregar à vida fácil. Terá ido para Itália — que o mal espalha-se por todo o lado. A madrinha, vendo-o só, recebeu-o na sua casa, onde vive com a sua própria mãe que já ultrapassou os setenta anos. O rapaz anda agora à volta dos doze anos. Marcado pelo que a vida lhe tem dado de menos natural, rouba tudo o que aparece em casa. A consciência doente não alberga a gratidão que seria de*

esperar em relação a quem o abrigou. Assim, orienta-se pela lei da força. Na ausência da madrinha, bate e insulta a mãe desta. As duas mulheres atormentadas já cá vieram duas vezes. Não dão conta dele. Vivem em pânico. Já bateram a várias portas. Nada.

● *A mãe veio até nós. Rosto marcado. Olhos fundos. Tem vários filhos. O marido doente, impossibilitado de ganhar a vida. Sempre na cama. Ela é o suporte da casa. Sai todos os dias para trabalhar. Um dos filhos, não estuda, procura más companhias, rouba. Foi preso uns dias antes e posto em liberdade algumas horas depois. Não respeita nada nem ninguém. A mãe, aflita. Que fazer? Ela todos os dias vai trabalhar...*

● *A mãe é uma «pobre». Alcoólica. Vive numa barraca, onde recebe companhia por momentos. Um dos filhos foi criado por uma senhora idosa e paralítica, que se desloca*

dificilmente com o auxílio de duas muletas. O rapaz anda na escola mas foge às aulas. Não respeita a senhora que o criou. Deitava ao chão se ela se quer impor. Por vezes foge para a barraca da mãe... Mãe que se esquece no álcool.

● *Outra mãe. Nova. Vinte e poucos anos. Traz um filho nos braços que ronda os oito meses. Ficaram mais dois em casa.*

— *Deixei o meu homem. Ele só me batia e não ganhava para os filhos. Não o podia suportar. Fiquei com os três filhos. Este ainda de colo. Como posso ir trabalhar?*

Nova e com a vida esfarrapada. Bonita. Ninguém a ampara. Mas haverá, concerteza, quem lhe atire pedras se se perder.

E Portugal marcha indiferente. Onde chegaremos assim?...

Padre Abel

FESTAS

Enquanto o nosso grupo do Norte já anda em romaria alegre pelas terras da sua zona, terras ansiosas por se reencontrarem com os Gaiatos, pois há já três anos não sentiam a sua presença sempre tão encantadora, nós os do Centro andamos atarefados a organizar programa e a ensaiar grupos.

O «Lita», com seus exames do primeiro semestre, na Faculdade, anda sem um momento livre para mais esta sobrecarga. O Manuel António, agora militar em Lisboa, só pode contar com fins de semana e com uns diitas de licença para a altura da nossa romaria. O Carlos Manuel, já com escola, teve de pegar no grupo de adultos que eram do Zé Domingos, já que este foi chamado a uma escola na Madeira. Martins decidiu-se agora pela carta de condução e as lições tomam-no quase todo. Ao João já lhe basta ser o homem dos sete officios.

O que tem avançado mais tenho sido eu. Nas Festas, desde a primeira, tenho sido o homem das relações públicas. E o meu campo tem sido cada vez mais acessível. Até dá gosto esta pasta que me foi confiada, tal o acolhimento que sentimos em todos. Este ano tem sido só o telefone.

Que feliz me tenho sentido ao encontrar, as pessoas dos mais anos cada vez de braços mais abertos! As pessoas encarregadas em cada terra para que tudo seja festa e os próprios donos das salas! Que feliz me tenho sentido!

Continua na QUARTA página.

Aqui temos o grupo dos «Bata-tinhas» de Paço de Sousa interpretando «O Areinho». Reparem no salero do Nando!



PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

ACTIVIDADES DESPORTIVAS — Ultimamente temos tido grande movimento, quer no futebol, quer no atletismo e até no hóquei em patins. Para esta última modalidade, o rink é o ponto de encontro dos patinadores, nas horas livres. E é vê-los à «cacetada» nas canelas uns dos outros com o stick. Claro que isto é só figurativo, mas é uma demonstração de que ainda somos aprendizes dessa coisa...de patins.

Depois, o atletismo; esta será uma das modalidades levadas mais a sério pelos nossos futebolistas e pelo nosso treinador, o Álvaro.

Já recebemos vários pedidos a fim de irmos participar em corridas fora, o que muito nos satisfaz. Em breve um grupo de rapazes irá participar num cross ao Porto. Desde já, boa sorte para eles.

Quanto ao futebol, é aquela conta. Bastantes clubes nos têm defrontado, uns a ganhar, outros a perder... Nem sempre se pode ganhar! Mas no entanto, não ponhamos obstáculos que os mais novos sabem perfeitamente faltar ao estudo dominical para irem ver o futebol.

Este é um resumo do que cá por Casa se passa no que toca ao Desporto.

FESTAS — Já é costume, todos os anos, darmos aos nossos Leitores um apontamento das nossas Festas.

Resolvi, neste número, fazer uma pequena entrevista aos nossos «Batatinhas», também eles actores.

O primeiro foi o «Gágazito».

— Estás a gostar das Festas?

— Estou, pois! Os senhores são muito meus amigos e também dão coisas boas!...

— Estás contente com as Festas?

O «FAROL»

Há dias, passou-me pelos olhos mais um número de um jornal que me chama a atenção: o «FAROL».

Li e meditei. Nas ruas, tantos papéis desnecessários!...

Contudo, surgiu o «FAROL», dedicado inteiramente aos Jovens que necessitam de boa leitura.

É um trabalho fruto de grande esforço; simples, acessível e de conteúdo verdadeiramente pedagógico.

Aqui damos, com muita satisfação, as boas vindas a mais um amigo que tem por missão ajudar as Crianças — que deveriam ser ajudadas de todas as maneiras ao nosso alcance — através de palavras amigas, escritas ou faladas, que contribuirão para a sua educação.

Portanto, boa sorte para o «FAROL», que tem a sua Redacção na cidade do Porto.

Manuel Mendes

— Estou e sou muito amigo do sr. Padre Abel.

Continuamos com o «Cibinho»:

— Estás a gostar das Festas?

— Estou muito, muito...

— E porque é que estás a gostar?

— Porque é muito bom.

— Os senhores não são teus amigos? Não te dão rebugados?

— São meus amigos, eles atiram os rebugados pró palco, mas eu é que não caço nenhum!

— Não queres dizer mais nada?

— Quero. Um xi-coração para todos os senhores meus amigos.

Prosseguindo com o «Cubilhas»:

— Gostas das Festas?

— Gosto, pois!

— Porque?

— Porque os Senhores atiram rebugados.

— Mais nada?

— E porque eles atiram muitos beijinhos pra nós.

— Não queres dizer mais nada?

— Quero dar a todos um beijinho e também um abraço.

Depois foi o Nando:

— Gostas da Festa?

— Gosto.

— Porque?

— Porque atiram rebugados e os Senhores são muito meus amigos.

— Das terras a que já foste, quais foram as melhores?

— Penafiel.

— Porque?

— Porque tudo foi muito bem feito e eu fiz bem o meu papel.

— Não queres dizer mais nada?

— Um abraço e um beijinho a todos os Senhores que vão ver as Festas.

A seguir, Agostinho:

— Gostas de andar nas Festas?

— Gosto.

— Porque?

— Olha, porque é bom e assim que eles mandam rebugados, eu vou logo apanhar, senão, não tenho.

— Se não fosses das Festas ficavas triste?

— Ficava, senão os outros também não iam.

— Que mais queres dizer?

— Queria dizer que gosto muito de jogadores e «cardenetas».

— Vá, pronto. Despede-te dos senhores.

— Obrigado aos Senhores que mandam rebugados e mil beijinhos pra todos.

O último foi o Vítor:

— Gostas das Festas?

— Gosto muito.

— Porque?

— Porque gosto muito de passear de carro.

— Que mais?

— Gosto muito de ver os músicos a tocar.

— Qual é o músico mais teu amigo?

— É o da bateria. E ele até me vai comprar um comboio bom.

— Que tal se te despedisses dos Senhores?

— Um beijinho e um xi-coração para todos os Amigos.

Pois como vêem, até têm graça as palavras dos nossos «Batatinhas» e eu procurei não deturpar as palavras que eles me disseram.

É aquela conta... os rebugados.

Entretanto, um obrigado a todos vós, que não faltais à nossa Festa onde quer que vos encontreis e para

os «Batatinhas» um abraço, porque se estão a portar como deve ser.

«Marcelino»

Tojal

ELEIÇÕES — É com ligeiro atraso que venho dar-vos conta das eleições aqui realizadas, em liberdade plena e sem subterfúgios de qualquer espécie.

Obedecendo à linha programática prescrita por Pai Américo e tendo em conta certas condições sugeridas pelas circunstâncias e características próprias da casa, estas eleições contaram com um total de 30 votantes, dos quais 12 eram elegíveis.

Houve uma preparação prévia feita pelos srs. Padrês, com o esclarecimento das qualidades a atribuir ao chefe e as suas responsabilidades. Em suma; a importância do acto eleitoral.

Erão condições para ser votante:

- 1 — ter mais de um ano de casa;
- 2 — Estar habilitado com a 4.ª classe.

Na falta da alínea anterior, ter mais de 16 anos, sabendo ler e escrever.

Para ser elegível tinha que:

- 1 — Ter mais de 16 anos de idade;
- 2 — Não ser estudante e com (pelo menos) a 4.ª classe.

Creio ser oportuno recordar aqui algumas passagens de Pai Américo referentes ao sistema de auto-governo. Passagens que virão reforçar (essa é a minha intenção) a noção do mesmo e mostrar a importância do acto realizado.

«O facto mais estrondoso de toda o nosso sistema, diz Pai Américo, está na ausência do senhor a mandar... Ninguém espera fazer homens de rapazes domados. Eles fazem-se uns aos outros. A nós, adultos, basta-nos o orientar... Os rapazes têm a noção dos perigos a que andam sujeitos e escolhem de entre eles um que os livre...»

A missão de chefe é missão de serviço e quando levado a sério sente-se-lhe bem o peso... Daí que muitos sintam medo. Até mesmo os mais capazes.

«... O eleito tem verdadeiras funções de chefe; é o motor de toda a complicada máquina que constitui cada uma das Casas. Toca-lhe responsabilidade administrativa, disciplinar, educativa, higiénica; ordena os diversos trabalhos; vigia as tarefas a que cada um se dedica. Sugere, admoesta fraternalmente, anima, ensina e de tudo e todos presta contas ao assistente, que (no dizer de Pai Américo), deve esconder-se, diminuir-se... ser pai, não director.»

Passo a dar-lhes os resultados mais significativos obtidos nos dois escrutínios que tivemos de fazer:

1.º Escrutínio: Armando, 7 votos; Fernando, 3 votos; José Jorge, 11 votos.

Por falta de maioria absoluta passou-se ao escrutínio seguinte, sendo

os restantes 9 votos repartidos pelos outros candidatos.

2.º Escrutínio: Armando 9, «Sub-chefe»; Fernando 8, «2.º Sub-chefe»; José Jorge 13, «Chefe».

O chefe eleito teve ocasião de se dirigir à Comunidade ali representada. — «Agradeço a confiança que depositam em mim. Vou procurar cumprir a missão que me é confiada. Prometo lutar para que reine a paz e procurarei sempre ajudar-vos. Mas para que tudo isto seja mais fácil de cumprir, será necessária a vossa colaboração, a qual peço e passo a contar.»

Vejam uma outra passagem de Pai Américo: «... O rapaz, ao ser eleito, levanta-se. Vira-se para mim e exclama com voz firme e moça: «Tenha confiança em nós». Pudera ter feito um discurso; outros por bem menos os fazem. Pudera gemer dificuldades. Pudera rever-se e mirar-se. Pudera tudo mas não quis nada para soltar do peito a palavra da nossa Obra — **CONFIANÇA**»

O chefe é responsável por todos e procura a sua condução por bons caminhos, mas cada um é-o por si próprio. Oportunidades para isso não lhe faltam e fica à sua disposição demonstrá-lo, de modo que «o seu bruto está em não necessitar vigilância. A sua liberdade está em não fazer o mal, podendo fazê-lo.»

Julgo ser desnecessário continuar com citações ou acrescentar algo de pessoal àquilo que está dito.

FESTA — Já me soam aos ouvidos rumores de Festa. Da Festa em Lisboa. Tanto que é sobre este tema que vos faço outro pedido.

Ultimam-se os preparativos para os ensaios e faltam-nos instrumentos musicais.

Há por aí quem os tenha?! Não precisam deles?! Então enviem-nos para a nossa (vossa) Festa.

Ah, entretanto não perguntem nada sobre datas.

FUTEBOL — Não sei se pela intensa (!) actividade da equipa, se pelo Inverno rigoroso que se fez sentir juntamente com o mau estado do relvado (!), os equipamentos e as botas estão em precárias condições de uso.

Com a melhoria do tempo surgem-nos o pressentimento de que iremos ter imensos grupos dispostos a defrontar-nos. Os equipamentos e as botas irão ser precisas com frequência. E se estão em más condições?... Estão a perceber as nossas dificuldades, não estão?

Entretanto aproveitando a quadra natalícia que passou, lançamos um apelo a três dos maiores clubes nacionais no sentido de nos cederem material desportivo usado.

Já recebemos resposta de dois deles!...

Diz-nos o primeiro não ser possível considerar o pedido feito. Da resposta do segundo transcrevemos a seguinte passagem:

«Sentimos informar da nossa impossibilidade, dado os exíguos recursos financeiros, que nos impõe clima da mais severa austeridade, o que nos força a utilizar o material desportivo até sua total exaustão.»

Do terceiro aguardamos ainda resposta. Talvez a austeridade aqui tenha começado pelo papel de officio...

Em face de tudo isto o nosso Grupo de futebol vem solicitar por este meio a vossa colaboração, no que for possível, para o melhoramento do material desportivo.

Jorge Cruz

QUE FUTURO?

No comboio, uma criança com seu olhar amigo, veio sentar-se junto de mim. Chamava-se João e ia para Lagares, sua terra natal. Trazia o corpo sujo dos trabalhos do campo. O seu traje roto e pobre!

Durante a viagem travámos conversa simples, animada e uma coisa me impressionou: O João tem dez anos e ainda anda na 1.ª classe!

Tem um irmãozito de colo e outro um pouco mais velho que bebia vinho em vez de leite, de quando em quando!

O tossir da mãe chamava a atenção dos passageiros mais sensíveis. Era um tossir forte de morrer...

O pai trabalha nas minas da Panasqueira e só regressa a casa quando pode!

Neste dia o João faltou à escola, pois teve que acompanhar a mãe que se ausentava para a Covilhã!

O João tem dez anos e ainda anda na 1.ª classe!

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Hoje é algo mais, porque o número transacto não pôde incluir a nossa colaboração.

A abrir temos a assinante 19177 com 100\$00. O mesmo de uma Crucificada d'algures. Um assinante «mete» uma migalha de 300\$00 na pro-

cessão. Mais 100\$00, de Lisboa. Três vezes mais de Beatriz, Lisboa. Assinante 15330, 3.500\$00. Mais um abraço! Amadora, 40\$00 do assinante 4879. Proprietária de um restaurante tirsense, 200\$00. Obrigada pelo vossa amizade! Na Igreja da Trindade entregaram 1.000\$00 ao nosso Padre Carlos. «Assinante do Seixal» com a sua «partilha do mês de Fevereiro».

É espantosa a persistência desta assinante! Mais 500\$00 da assinante 13519, por intermédio do Espelho da Moda. Mais 100\$00 de A. L. E 500\$00 de uma grande Amiga de Aveiro. Os Amigos de D. António

ORDINS

Ora vamos a contas. Contas não!, porque essas já as fez Deus no Céu, no Livro da Vida. Mas sim agradecer em meu nome e do contemplado, todos os donativos que vieram de Norte a Sul do País. Uns maiores, outros mais pequenos. No todo, o que interessa é a alegria com que todos deram. Algumas das cartas que acompanham os donativos ou migalhas, como outros lhe chamam, são autênticos rosários de amarguras. E quem as não tem, nos tempos que vão correndo? O que é preciso, é não perder a fé em Deus; e o resto vem por acréscimo.

Para não tirar muito espaço a O GALATO, vou apenas dizer as terras donde vieram as ajudas. Porque a maior parte vem no anonimato. Algumas cartas nem se sabe a localidade, devido ao carimbo dos correios não se perceber. Começamos pelo Luso, Porto, Vila Verde, Figueira da Foz, Porto, Lisboa, Vila Nova de Gaia, Santarém, Lisboa, Porto, mais Porto e Leiria. Novamente Santarém. Lisboa, mais Lisboa. De um sacerdote da Guarda com muita consideração por quem se dedica a trabalhar pelos Pobres». Castelo Branco, Lisboa

duas vezes, Santarém, Matosinhos, Lisboa, Póvoa de Varzim, mais Lisboa, Covilhã, Porto, Lisboa mais Lisboa. E, ainda, Odivelas, Vila Nova de Foscoa, Lisboa, Leiria e Porto. Pai e filha mandam juntos; são de Lisboa. Oferta de alguns empregados da S. S. P., 3.º P. (não sei se estará bem escrito, é que por vezes não consigo decifrar as palavras). Leiria. Uma Amélia, não sei donde. Lisboa, Coimbra, duas vezes. Donativo depositado no Espelho da Moda, Porto. Lisboa, Matosinhos, Amarante, Santo Tirso, Lisboa mais Lisboa, Porto, Alcobaça, Lisboa, V. N. de Gaia, três Portuenses, Tondela, Teixoso (B. B.), Arcozelo (correio da Praia da Granja). Mais Vila Fernando (Guarda), Alcobaça, Santarém, Lisboa, Sardão (Águeda) e Castelo Branco. Braga, duma pessoa que também já foi operada à espinha há 14 anos. Não sei donde. Uma Senhora deu-me um alvitre: se pedisse à Fundação Calouste Gulbenkian, contando-lhe o caso, talvez fosse atendida. Foi falta de lembrança da minha parte. Mas também tiraria alegria aos que querem fazer algum bem ao seu Semelhante sem saber

como fazê-lo. E por vezes é preciso dar um safanão — como eu agora fiz — para acordar esses corações que tanta generosidade demonstraram neste meu pedido. Mais Lisboa, Castelo Branco. Dos E. T. T.; Auto-Oscar do Porto, Lisboa. Figueira de Castelo Rodrigo: «Já por aí passei uma vez e fiquei com vontade de lá voltar». Oeiras de quem se assina «Ninguém». Como vê cá chegou a sua migalhinha! Alcaíns. Empregados dos C. T. T. Braga. Da Companhia de Seguros Mutual, do Porto, alguns empregados cotizaram-se e mandaram uma quantia avultada. Barreiros, Alvega, Porto, Vilar Formoso, Foz do Douro, Vila Moreira, Vila Nova de Gaia, Lisboa, Porto mais duas vezes. De um cristão da Carvalho. M. Júlia Guimarães, Porto. De uma pessoa que diz: «Desejo que só Deus nosso Pai o saiba». Vilar Formoso, Elvas. Um amigo velho de O GALATO. Porto, Vila Nova de Ourém, Porto, Lisboa mais duas vezes. De um Pai aflito que pede orações por um filho estraviado do bom caminho. D. M. Barreto, da Covilhã. Lisboa, Horta e Graça, Lisboa. Porto, Fiães, Maria das Dores, Por-

to. Como não trazia a direcção completa não pude dizer directamente se sim ou não tinha recebido. Peso da Régua. Maria Manuela diz que «o resto do nome é só para Deus». Como vê cá chegou a sua oferta. Que Deus a ajude a si também. Idanha-a-Nova, Braga. Irene da Cruz pede orações por Adélia Cruz. Nós lembramos sempre todos os nossos Amigos. Ilda de Jesus — Beira Alta. Paço de Arcos. De uma

Alentejana. Duas Irmãs figueirenses, mas que vivem em Coimbra. As ofertas chegaram para a compra do carrinho, que o nosso Irmão já tem em seu poder, e ainda para comprar a casa de uma Viúva que vive numa casa do Património dos Pobres, cá do lugar, onde a chuva entrava por todos os lados.

Por tudo, Deus seja louvado!

Maria Augusta

TRIBUNA de COIMBRA

Neste tempo de Quaresma, tempo propício para que todo o cristão reconsidere o caminho que melhor o possa levar à Casa do Pai, tenho-me encontrado nas igrejas da cidade de Coimbra com os Irmãos que se reúnem para celebrar a Eucaristia e tenho procurado ser mensageiro da Palavra do Senhor.

Ontem, o Senhor Deus falando outrora a Moisés e neste momento a cada um de nós, especialmente aos mais responsáveis, disse: «Vi a situação humilhante do Meu Povo; escutei os seus clamores; conheço os seus sofrimentos; quero-o livrar das mãos

dos seus perseguidores».

Por missão de serviço a que demos o nosso sim, somos obrigados a dar testemunho de que há muitos filhos a nascer sem pai; que há pais a não quererem filhos; que há esposos divorciados, vivendo juntos; que há doentes sem cama e que há camas sem doentes; que há grande multidão de famílias sem casa e há muitas casas sem família; que há pessoas idosas desamparadas e há muitas pessoas válidas sem ideal de servir.

Encontrámos como tema de reflexão sobre a família uma análise aos pecados sociais e individuais; uma empresa construtora quer ajudar o problema da habitação construindo casas com duas divisões; o abono mensal oficial para os filhos continua a ser 240\$00; o cabaz das compras sobe de preço; centenas de milhares de trabalhadores ameaçam entrar em greve. O casal quer sentir-se livre; quer gozar a vida; quer divertir-se; quer passear; os filhos são um incómodo; são uma prisão.

No fim duma das Missas veio um sacerdote estrangeiro e uma Senhora Vicentina. andam esmagados com as aflições de três famílias suas conhecidas. Uma das famílias tem três filhinhos, construiu e telhou uma casinha, mas já não é capaz de mais e o chão é em cimento agreste e o quarto de banho não tem nada para servir. Outra família habitava casa velha e alheia e um incêndio destruiu absolutamente tudo. A outra família é uma viúva com filhos pequenos e vive, por esmola, em casa duma vizinha.

E, apesar da crise económica que tanto promete ameaçar-nos, tantos continuam instalados na vida; tantos não querem trabalhar nem poupar; tantos continuam esbanjadores daquilo que devia ser pão para os famintos; tantos fechados em si próprios e nas suas coisas, esquecendo que as coisas criadas são para todos os homens e que não somos senhores absolutos de nada deste mundo.

Pareceu-me que o Povo de Deus gosta de ouvir a Sua voz. Pareceu-me que safu da igreja com propósito de acertar caminho. Os caminhos dos homens seguidos com amor, amor fruto do autêntico Amor, levam-nos à Casa do Pai.

«Felo»

Padre Horácio

Barroso, não faltam! Viseu, 300\$00 de Glória. Assinante 1364, de Estoril, 200\$00. Metade que, todos os meses, chega de Lisboa. Estremoz, 100\$00, de quem pede muita desculpa de mandar tão pouco». Duas Igrejas (Arriñana), 300\$00. «Uma assinante» manda esta carta que é Luz:

«No próximo dia 1, meu marido e eu festejamos as nossas «bodas de prata» — vinte e cinco anos de compreensão e de ternura.

Sinto-me mais feliz partilhando um pouco convosco; desejava, por isso, ajudar os Pobres da vossa Conferência, pelo que acabo de enviar um vale postal de 2.000\$00.

Peço-lhes se lembrem de nós nas vossas orações, sobretudo dos nossos dois filhos e do primeiro netinho que esperamos no Verão...»

«Por alma de uma grande amiga», 140\$00. Assinante 14727, de Niza, 100\$00. Porto, assinante 858, 150\$00. Ainda do Porto, assinante 18223, 120\$00. Rua Igreja de Paranhos, Porto, 50\$00. Assinante 17148, 1.000\$00. Assinante 1295. Rua do Lagarinho, Porto, 50\$00. Póvoa de Varzim, o mesmo. Fátima, o dobro. Assinante 17022, presença de muitos anos. A 17740, idem. Mais 100\$00 do assinante 6070. Mangualde, 200\$: «O mês passado não mandei nada. Assim como aconteceu em Dezembro. Este mês vai a dobrar.»

Que tudo corra bem, com a Graça de Deus — são os nossos votos.

Vicentino lisboeta traz sempre Mensagem oportuna. Ouçamos:

«Pela segunda vez, em pouco tempo, a bondade de Deus me poupou a um prejuízo razoável. Graças Lhe sejam dadas.

Parece-me que a melhor maneira de manifestar ao Senhor mais este benefício consiste em partilhar de maneira que dele também lucrem,

de alguma maneira, os Irmãos mais necessitados. Para o efeito remeto o incluso cheque de 4.000\$00, a fim de ajudar o tesoureiro a calafetar algum furo.

Agradeço uma oração pela nossa Pátria e por minhas filhas Maria Cristina e Maria Mafalda.»

Nunca exclui o seu amor à Pátria! Em sufrágio de sua Mãe, 500\$00 de Oliveira do Douro, assinante 9790. E, por fim, 100\$00 da assinante 11162, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

CAMPO — O tempo veio-nos atrazar um pouco as sementeiras, visto ter chovido bastante durante estes últimos meses os campos, de certo modo, encontram-se encharcados. Mas já semeámos algumas batatas. Agora resta-nos esperar que Deus abençoe o nosso trabalho duma tarde de sábado, depois de deixarmos as oficinas. Todos trabalhamos, ora aqui, ora ali. O que é certo é que todos trabalham e graças a Deus não temos tido grande falta de alimentos, pelo menos daquilo que os nossos campos produzem. Do resto: massas, açúcar, arroz, tanta coisa que nem sempre há ou é raro encontrar em grandes armazéns.

Temos todos lutado para que não nos falte o indispensável, cada um pelo seu trabalho. Os mais velhinhos a começar pelo sr Pe. Horácio que faz as vezes de nosso pai, coisa que nem sempre nós entendemos. Mas eu ia dizendo que cada um dá o seu contributo para a nossa Família: uns nas oficinas, outros no campo, os

mais pequeninos nas limpezas das casas da nossa Aldeia.

Hoje está um pouquinho de sol e nós andamos a preparar tudo para semearmos a batata na vinha e corredores. Vai ser um trabalho que vamos fazer todos com muita alegria, embora exija de nós bastante esforço.

RECREIO — A nossa Biblioteca tem agora mais alguns livros que vieram de outras Casas do Galato, dados por pessoas Amigas. Está assim com melhor aspecto do que quando foi inaugurada juntamente com o Bar, para nós, rapazes.

Na Biblioteca, é raro o dia que não estejam rapazes a ler, pois pensam e sabem que faz bem ler um livro bom.

Além da Biblioteca, também, em certos dias, os mais velhos fazem umas redacções, umas contas, aproveitando assim algum tempo que era desperdiçado.

José Albino

Setúbal

CASAMENTO — Foi mais um. Desta vez foi o «Charrua» que uniu a sua vida à da Maria Olinda. O casamento realizou-se em Figueiró do Campo (Condeixa). Foi daqui um grupo acompanhá-lo em momento tão importante da sua vida. Os nossos Padres também não faltaram com a sua presença. Foi um casamento simples, sem grandes pompas à maneira dos Pobres, mas nem por isso deixou de ter dignidade e verdade.

O «Charrua» é nosso há muitos anos e por isso o seu casamento foi motivo para nos sentirmos todos felizes, por vermos mais um rapaz partir com vida organizada e um lar formado.

AGORA

Cont. da 1.ª pág.

Agradecia que por escrito me dissessem o que devo fazer o como fazer.

Esta ideia está enraizada em mim e como há três anos tenho uma casa minha, gostaria de participar numa casa para alguém que precise tanto como eu precisava desta.»

É nosso o sublinhado deste último parágrafo, ilustração magnífica do cristianíssimo «farras aos outros o que querias te fizessem» — e está feito, graças a Deus.

A segunda carta, com mil escudos à frente e «vou tentar mandar uma migalhinha todos os meses», é ainda mais inflamada e motivadora.

«(...) A falta de casas é um dos problemas mais prementes da actualidade portuguesa. Todos sabemos das barracas, das ilhas, dos quartos sub-alugados onde vivem famílias inteiras nas piores condições.

Há tempos ouvi um sr. Padre dizer na Televisão que, em Lisboa, há centenas de timorenses e angolanos, sendo a maior parte constituída por crianças, a viver na lama em tendas do exército. E a Igreja, através dos seus Padres denuncia estes e outros casos e exorta a população a distribuir o supérfluo pelos mais necessitados. Muito bem.

Mas eu gostaria que a Igreja fosse mais além. Que desse início a uma campanha de construção de casas, em cada Paróquia, através da Rádio e Televisão, jornais católicos, etc. O Património dos Pobres é um exemplo formidável. Lembremo-nos também das pequenas campanhas que os jornais fazem angariando receitas para operações, no estrangeiro, de doentes pobres. Os donativos chegam de todos os lados a ponto de ser preciso dizer: basta!

O nosso Povo é generoso quando a causa é justa. As Conferências Vicentinas teriam um papel importante nesta campanha. E apelar-se-ia para as organizações Católicas mundiais.

Em todas as Dioceses há terrenos pertencentes à Igreja. Pois a Igreja não os poderia dar para neles se começar a construir? Não terá chegado a hora da Igreja fazer algo de concreto pelos Pobres, em escala nacional?

Só acredito nas revoluções baseadas na Fraternidade, nas Palavras de Cristo: Amal-vos uns aos outros.

Somos um Povo de maioria católica. Cumpre à Hierarquia levar-nos, persuasiva e firmemente, à distribuição voluntária de bens, à compreensão e cumprimento das Leis de Deus. Mas terá de ser a primeira a dar o exemplo.

Os tempos são de luta, de acção! Só o Amor pode vencer a onda de ódio, violência e anarquia que infelizmente todos conhecemos.

Desculpe o tempo que lhe roubei. Mas desabafei...»

Ora aqui está um desabafo que oxalá seja recebido por muitos como bafo acalentador «de luta, de acção».

Quanto a nós cá vamos com os Peditórios que este ano serão todos para o fundo do Património dos Pobres, donde saem as ajudas aos auto-construtores. No Porto, passámos pelas Igrejas dos Congregados, Carmo e Carmelitas, Santíssimo Sacramento, Almas, Trindade e Antas e faltam-nos mais algumas. Até aqui juntaram-se 140.862\$80.

E vamos agora ao convívio de bons Amigos de tantos anos. São os Pessoais da Caixa de Previdência da Indústria Têxtil, 3.411\$50 e da ex-HICA, 7.483\$. São duas outras presenças a lembrar ainda (apenas por referência) as casas a prestações: «Três gotinhas para a de Sta. Filomena» e «mais duas pedras para a de S. Carlos».

Gente de muitas vezes, vários de todos os meses: Berta e Jorge; J. P. R., no Lar; a Maria Antonieta «sufragando a alma da Tia Emília»; MM-AL, no Espelho da Moda; Angelo em «renovação de promessa». Maria, de Ois da Ribeira; da Nazaré; «Cruz» da Beira, outrora nas margens do Índico, agora nas do Atlântico — Figueira da Foz; «Portuense qualquer», «do 13.º mês ontem recebido» e outra vez com «parte de um aumento de vencimento»: «É desta maneira que eu gosto de agradecer ao Senhor os bens que, com tanta generosidade, tem colocado nas minhas mãos, fruto do meu trabalho, que é também uma graça Sua». Ó sabedoria!

Fecha este grupo, «uma que faz parte da Família» e, desta feita, marca o seu lugar com 20 contos de uma vez e 6 de outra: «Deus sabe que esta gota d'água é ofertada d'alma e coração. Que o meu nome jamais seja publicado; basta

que esteja no Coração de Jesus». Mais sabedoria!

Vêm agora os avulsos. Assim lhes chamamos porque menos assíduos, mas na maioria também não desconhecidos:

Maria, de Trancoso, com 10 contos. Outrotanto da Maria, de Alcobaça. Helena, de Viseu, 100\$. Joaquim, de Braga, com 2.000\$. O mesmo, do Porto, «para umas telhas dum auto-construtor». Outra Maria, de Oeiras, com 500\$. O dobro de Fátima. Menos 150\$ da Júlia. Trezentos da Lígia. Mil «que me deram pelos meus anos», diz a Noémia. Quinhentos não sei de onde. Seiscentos de Sto. António dos Cavaleiros. Eugénio, da Figueira da Foz, com 50\$. Idem da Reboleira. O dobro de Ermelinda. Duzentos e cinquenta da Maria Angelina.

«Comemorando 20 anos de matrimónio, enviamos 4.750\$, valor de um rendimento que possuímos para ajudar os outros.» Valente alicerce da felicidade e prosperidade familiar!

Do Porto, 5.000\$ e «se Deus quiser, terei saúde para liquidar a minha dívida para com esses heróicos auto-construtores. Ela será como e quando Deus permitir.»

Mil de Natália, de Aveiro. Oitenta e quatro «para uma telha». Trinta e nove contos de Zaira, entregue pelo sobrinho no Lar do Porto.

No Montepio Geral, Lisboa, 150\$+200\$ de Maria Margarida+8.000\$ de Mafalda.

De Ovar 15.000\$, fruto de renúncias que só Deus conhece. Feliz senhora!

Maria do Céu com 1.000\$. O dobro de José. Cem do R. da Vilarinha. Maria Elvira com 10 contos e o desejo de um azulejo de S. Jerónimo, o que não poderá ser. E Alda do Ribatejo, escapada ao grupo dos de todos os meses, fecha a procissão de hoje com várias remessas e uma maior de 3.350\$, «importância de um subsídio que pedi, longe de ser atendida» e afinal «guardado estava o bocado»: foi para o Património dos Pobres.

Padre Carlos

Partilhando

Vamos a caminho da Primavera, cansados já, por tantos dias sem sol. Hoje há sol! Aqui e ali, vêm-se flores a anunciar a esperança que nasce com o Inverno a morrer. É assim a Natureza, em suas contradições. E o Homem? A contradição, por natureza. Veio da poeira da terra e vai para o Infinito. Na viagem, dá passos para todos os lados, à procura de rumo certo. É da busca, sempre e sempre, que sai algum sumo de Infinito ou algo que o valha, em valores de inquietação.

Estou a pensar nas crianças como o símbolo da inquietação humana. Perguntam, refilam, acreditam, vivem, esperam, amam, crescem, felizes ou não! Um mistério... Ainda! Quando compreendê-lo? Só quando os seus anseios de viverem realizadas, tiverem condições de resposta verdadeira! Só quan-

do nós, os mais velhos entendermos que a mentira ou a ocultação da verdade é causa das suas ansiedades mais doentias! Só quando, cada criança se sentir, pelo menos, ouvida com atenção! Só quando o lar e a família — quando existem — não forem o «cubículo» de pessoas que se estranham, ao olharem de frente! Só quando a Escola não estiver somente ao serviço das letras e dos números!... Cada Escola, cada Família — centros de educação, de formação humana dos sentimentos, de esclarecimento e orientação sobre a vida e tudo que de importante a rodeia, inclusivé e principalmente, a parte afectiva, sexual e moral e espiritual. Ouvir, saber dar e também receber... Como crianças simples abraçar as borboletas e aviões a jacto. Que engraçado! Mas até aí, é preciso acreditar muito! Acreditar na mu-

FESTAS

Cont. da 1.ª pág.

O primeiro a telefonar foi o mais responsável pelo Teatro Avenida de Coimbra: O domingo, dia 1 de Maio, todo por nossa conta. Obrigado Dr. Pedro. Depois foram telefonemas para Tomar, Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Leiria, Figuei-

ra da Foz. Todos que sim e alguns já admirados por ainda não termos dito nada. Assim vale a pena o entusiasmo de todos a querermos Festas.

Atenção às já marcadas neste momento, incluindo as da zona Norte.

Padre Horácio

26 de Março	— Cine-Teatro João Verde	MONÇÃO
28 " "	— Cine-Teatro Santa Maria	ARRIFANA
		Bilhetes à venda: Casa Ribas, S. João da Madeira e bilheteiras do Cine-Teatro
30 " "	— Cinema S. Geraldo —	BRAGA
1 de Abril	— Teatro Ribeiro Conceição	LAMEGO
20 " "	— Teatro Avenida —	VILA REAL
24 " "	— às 18.30 h. COLISEU DO	PORTO
		Bilhetes à venda: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54 e bilheteiras do Coliseu
1 de Maio	— Teatro Avenida —	COIMBRA
		As 15,30 e 21,30 h.
6 " "	— Cine-Teatro —	TOMAR
9 " "	— Teatro-Cine —	COVILHÃ
10 " "	— Cinema Gardunha -	FUNDÃO
11 " "	— Cine-Teatro —	CASTELO BRANCO
16 " "	— Cinema do Casino	FIGUEIRA DA FOZ
26 " "	— Teatro José Lúcio da Silva	LEIRIA

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas

dança de tanta coisa, fazendo alguma «cozinha» por isso, já que vivemos num mundo de tantos «remendos»... E acreditar no Evangelho: «Remendos novos em pano velho?» Ai este radicalismo! Foi Jesus que assim falou há dois mil anos... Que distância!

É urgente acreditar! Para que a transformação aconteça dentro de nós, antes de a levarmos aos Outros. Algo morrerá... Até que uma Esperança Nova se crie.

Em cada ano há uma Páscoa que se recorda... E em cada Homem haverá sonhos ou sintomas de Ressurreição?

Olhamos o mundo e sentimo-nos pequeninos para o construirmos maior e melhor com as mãos abertas e amor também.

Alguém me dizia, há dias, que a juventude se está destruindo ao «construir» a vida na procura obcecada do sexo pelo sexo! Muitos não acreditam. Muitos acordam! Muitos são indiferentes. Quase ninguém está motivado... É o silêncio da cumplicidade!

A coragem será a simplicidade de um Hoje já confuso... É bom acreditarmos!

Padre Moura



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa